

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

Administrador: MANUEL PERES

ANO VII — N.º 91

Rio de Janeiro, Janeiro e Fevereiro de 1954

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA PORTAL 4.588

A CONQUISTA DO PÃO

ESTÁ À VENDA A NOVA EDIÇÃO DO INTERESSANTE LIVRO DE KROPOTKIN.

Pedidos a AÇÃO DIRETA

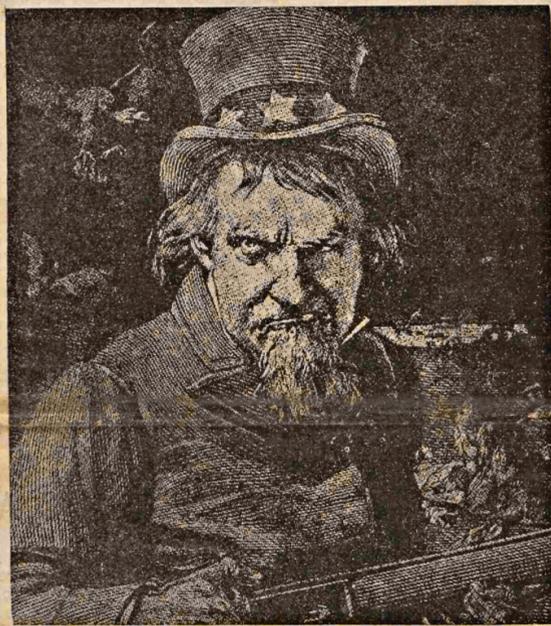
Cx. Postal 4588

PREÇO Cr\$ 35,00

O DIREITO DE MATAR

Por A. A. VIEIRA

O C. N. T. Condena o Pacto



O BELICOSO TIO SAM

O secretariado da C.N.T. de Espanha no Exílio publicou um manifesto condenando o pacto firmado entre Franco e os Estados Unidos. Não dispendo de espaço para publicar todo esse documento, dele daremos a parte principal.

"A C.N.T. de Espanha no Exílio e a C.N.T. de Espanha no Interior rechaçam esse pacto. Jamais reconhecerão validade a qualquer compromisso firmado pela tirania, a nada que aliene a liberdade e a independência do povo espanhol. Rejeitam esse pacto igualmente todas as organizações dignas, quer emigradas, quer do Interior.

Os fatos têm demonstrado o acerto e realismo de posição da C.N.T. ao não confiar senão no povo, na ação ativa, na solidariedade antifascista internacional, não submetida ao complexo das interpretações vãs e humilhantes e o equívoco de crença de quantos esperaram na milagrace das chancelarias e soluções diplomáticas, atascando-se nas atitudes passivas e ajustando sua norma de agir a esse complexo negativo. A lição é mais que eloquente.

Outro complexo de desalento poderia primar hoje ao vermos o apóio que obtém Franco vendendo a Espanha, alienando sua independência, fazendo entrar o povo na órbita guerreira. Esse desalento seria tão suicida, quanto infundado. Não pode-

mos tê-lo nós que no povo confiamos, que confiamos em nós mesmos, na razão e na justiça da causa que defendemos. Não pode tê-lo o povo espanhol, cujo legendário quixotismo exemplar demonstrou, uma infinidade de vezes no curso da história, o que podem as energias morais dos homens que não perderam fé em seus ideais, em si mesmos, em sua própria ação, ante as mais poderosas e brutais forças coligadas.

A nova situação criada não faz mais que estimular em nós a vontade de luta. Essa luta ultrapassa a fronteira espanhola e adquire todo seu significado internacional. Hoje como ontem, a causa da liberdade de Espanha é a causa da liberdade do mundo. Em Espanha o fascismo, apoiado pela Norteamérica fortalece seus redutos. Mas fortalece num polvarinho. Nem os dólares da Yanquilandia, nem as bênçãos do Vaticano salvarão Franco e seu tirânico regime da queda. A força e as energias morais da Liberdade não de poder mais que todos os apoios interessados e vergonhosos.

Agora, mais que nunca, a solidariedade dos homens e dos po-

A IGREJA E O CAMPONÊS

A revista católica *Latinoamérica*, publicada no México, em seu número 51 deste ano (março), fala-nos da redenção campesina, decidida no Congresso Latinoamericano sobre problemas da vida rural. O ideal é "pôr a Igreja na vanguarda da redenção campesina, superar, no campo, a luta de classes, a produção insuficiente e o desequilíbrio econômico".

Seus fins são: "dar aos agricultores a técnica da exploração do solo, maquinária, assistência religiosa, escolas, recreio e remédios", segundo declarou um dos principais organizadores do Congresso, Mons. Luigi Ligutti, secretário geral da Associação Nacional Católica da Vida Rural dos Estados Unidos.

A revista estampa, numa de suas páginas, para ilustrar el cuento, algumas fotografias. Numa delas um bispo mexicano, Abraham Martínez, de Tacámbaro, trepado num trator, finge manejar a máquina. Outra fotografia mostra o mesmo trator com uma freira ao volante. Em baixo, lê-se: Técnica agrícola.

Como indicio de tapeação são moldelares as estampas, mas poderão causar entusiasmo aos papalvos que nelas crearem.

Seja como for, é comovente o espetáculo da Igreja, para quem o socialismo era uma peste humana, descer aos humildes camponeses para lhes ensinar manobras de trator, técnica agrícola, dar-lhes escolas e melhor vida.

vos livres, ante os dois blocos de comportamentos liberticidas paralelos, deve mostrar-se efetiva. Só militando ativamente, em todas as partes, os homens amantes da Liberdade e que sentem a dignidade própria, só atuando energeticamente, opondo-se à guerra política dos Estados, à ressurreição do militarismo e do fascismo, às correntes totalitárias no plano internacional, poderão salvar o mundo dos graves perigos que o ameaçam.

Na consciência do movimento obreiro internacional, dos homens livres, deve haver a convicção de que só suas forças, sem compromissos nem ligações com os Estados, inspirando-se em ideais de Liberdade e Justiça social, são capazes de desempenhar papel decisivo ante o fascismo e os totalitarismos.

A atitude da C.N.T., a do povo espanhol, corresponde a essa vontade e consciência. Por isso prosseguirão na luta, irredutíveis, até o fim vitorioso.

Pela C.N.T. de Espanha no Exílio, o Secretariado Internacional.

Setembro de 1953."

A história americana prova que, se os jesuítas se ocuparam da agricultura na América, foi tão somente para negócio rendoso de açúcar pois, além dos índios escravizados para mão de obra grátis, tinham isenção total de impostos que iam recair, pesadíssimos, nos fazendeiros colonizadores.

A solicitude atual da Igreja revela apenas, não haja dúvida, seu pavor ante a repulsa que vai tendo em todo o mundo, ante a pavorosa decadência de sua infernal máquina de exploração secular.

Agora, vamos ter o maravilhosíssimo espetáculo de freiras guiando tratores à falta de sacerdotes, cada vez mais escassos. Veremos também, dentro em breve, quando rarearem mais os padres, freiras rezando missas e dando comunhão.

Se forem bonitas, já vale a pena irmos todos receber a sacratíssima hostia, consagrada por mãos pulcras e amorosas!

A mesma revista publica as conclusões do tal congresso. Em nada diferem dos demais congressos socialistas ou socialistas: sindicatos, cooperativas, ensino técnico, assistência médica, direito à terra, etc., etc. Mas, ao lado, os eternos mistificadores e exploradores: o Estado e a Igreja. No fritar dos ovos, dominado o país, faz-se o acôrdo definitivo, assombroso, estarrecente, qual a concordata vergonhosa de Franco e Pio XII. Grandes traficantes!

OLIVEIRA SALAZAR E A REVOLUÇÃO DE ESPANHA

Edgart Rodrigues

Em tudo o que, nos últimos tempos, se tem dito acerca do esmagamento da Revolução Espanhola, tem Oliveira Salazar, embora um dos maiores responsáveis por essa hedionda matança coletiva, fugido à crítica, como se não houvesse em suas mãos nódoas de sangue. Nós, porém, de perto vivemos esses longos dias amargos, ouvindo o matraquear das metralhadoras em terras de Portugal e acusamos Oliveira Salazar como um dos assassinos da Espanha livre.

Bem sabiam Salazar e seus cúmplices quanto representava a Espanha para os refugiados portugueses, tanto da direita, quanto da esquerda, pois a própria ordem religiosa a que pertencia e pertence, viveu também à sombra da Espanha de

(Continua na 2.ª pág.)

Ação Direta Precisa do teu Auxílio Financeiro

(Cont. na 2.ª pág.)

OLIVEIRA SALAZAR

E A REVOLUÇÃO DE ESPANHA

Primo de Rivera, durante a República em Portugal e para lá trasladou os colégios onde foram fabricados os jesuítas (dirigidos pelo dr. Nosaline), hoje donos de Portugal.

Esses jesuítas estreitaram relações com fascistas espanhóis. Calvo Sotelo, Gil de Robles, etc. Com a queda da ditadura de Primo de Rivera e da República de Alcalá Zamora, intensificou-se a agitação das classes operárias, ansiosas por aproveitarem as liberdades reconquistadas com o novo regime para levarem à vitória suas reivindicações. A Igreja, por seu lado, perdeu muito do seu prestígio. Muitos portugueses, perseguidos pela Gestapo de Salazar, refugiaram-se no país vizinho, enquanto os principais fascistas espanhóis se internaram em Portugal.

Calvo Sotelo desencadeou, no entanto, forte agitação na Câmara dos Deputados, alegando que os trabalhadores depredavam e incendiavam igrejas, etc. O mesmo Calvo Sotelo, conhecido jesuíta sem batina, era chefe do *Bloco Nacional* e diretor do jornal "Acción Española", fundação de Ramiro Maltzu. Por sua vez, o general Sanjurjo, autor da malograda sublevação de 10 de agosto de 1932, criou, com vários oficiais, as organizações *Loja e União Fraternal*, em que se filiam os generais Cavanelas, Queipo de Llano, Mola, Franco e Godeó. Esses, com ajuda de Sotelo, criaram a *União Militar Espanhola* e planejaram um acórdo, firmado, logo depois, em Portugal, entre os governos italiano, alemão e português, com o objetivo de ajudarem, com homens e material de guerra, os fascistas espanhóis a implantarem, a ferro e fogo, no seu país, o regime que hoje ali vigora. Esse acórdo ou tratado foi secretamente subscrito no Estoril, perto de Lisboa, por Sanjurjo e Gil Robles, representando os conspiradores fascistas espanhóis; Pedrazzi e Hans Herman Volkers, ministros respectivamente italiano e alemão, e Oliveira Salazar, o ditador português.

Assinado esse acórdo, apareceu em Portugal o multimilionário Juan Mach que se juntou com Gil Robles no hotel em que este se encontrava hospedado, no Estoril. Pouco depois, estourava a revolução fascista na Espanha, à qual prestaram colaboração os fascistas portugueses, começando por cortar, com auxílio da polícia, os fios telefônicos da embaixada do governo republicano da Espanha.

Entraram em Portugal os generais Cavalcanti e Fernando Pérez com quinze milhões de pesetas ouro, roubadas ao Banco de Espanha e as depositaram no Banco Espírito Santo, em Lisboa.

Aos 20 de julho, morre Sanjurjo na capital portuguesa num desastre de avião e Salazar decreta luto municipal.

Após a morte de alguns chefes da revolução, assume Franco a chefia dos fascistas e recebe, vindos da Itália, devidamente equipados, cem mil homens. Por sua vez, Salazar manda 50 mil. Entre os oficiais iam os famigerados capitão Botelho Moniz e general Craveiro Lopes, hoje chefe do Estado.

O vapor alemão *Kamerun*, descarregou no cais de Santa Apolónia, aos 25 de agosto de 1936, 800 toneladas de material de guerra e o vapor da mesma nacionalidade *Wisberg*, na mesma data, descarregou tanques ligeiros, aviões desmontados e petróleo.

A descarga foi feita por sol-

(Cont. da 1.ª pág.)

dados portugueses, que transportavam aquele armamento para a Espanha. Os batelões da *Shell* transportaram gasolina e óleos para as traineiras rebeldes que se vinham abastecer em Portugal.

Nos portos portugueses de Santa Cruz e Peniche era diariamente descarregado material de guerra vindo do centro da Aviação Marítima e seguia para a Espanha fascista. Aviões de Franco vinham abastecer-se de gasolina no campo de aviação de Alverca, arredores de Lisboa.

As oficinas das empresas metalúrgicas *Tornearia de Metais, Vulcano e Colares*, que se tornaram importantes com a guerra de Espanha, trabalhavam noite e dia no fabrico de material bélico para os fascistas. As fábricas de Barcarena e de Benfica produziam açodadamente granadas de mão, metralhadoras, etc.

Parte desse material foi pago ao governo de Salazar em moeda falsa. Isso motivou a falência da casa bancária *Porto Corvo* levando ao suicídio seu diretor. Muitas fortunas portuguesas foram abaladas como a do conde de Vizela.

Ainda o governo de Salazar autorizou a entrada de 15.000 sacos de miolo de amêndoa, produção das Baleares, correspondente a um milhão de quilos, em péssimas condições. Mas, como era preciso dinheiro ouro para pagamento de armas aos alemães, chegaram essas amêndoas a Portugal e os direitos alfandegários no valor de 3.600 contos foram pagos em notas falsas iguais às autênticas e recolhidas pouco depois. Nessas deploráveis condições, foram as amêndoas seladas pela *Junta das Frutas* e seguiram para a Inglaterra como produto português, causando enorme escândalo e comprometendo os produtos nacionais.

COMO SE MATOU EM PORTUGAL. — Vindo de Tenerife, chegou a Lisboa o vapor *Romeu*, com fascistas, sob a proteção do torpedeiro português *Lima*. As tropas assassinas do *Tercio* entraram em território português, para, de Portugal, atacar Badajós.

Os fascistas do exército português, às ordens de Salazar, patrulharam as fronteiras para entregar os refugiados espanhóis, isso em Elvas, Campo Maior, Vale da Mula, etc.

Muitos desses refugiados foram fuzilados em território português, entre eles Nicolau de Pablo, deputado socialista, Granada e Modronero e centenas de mulheres e crianças após serem confessadas por padres portugueses.

OS PORTUGUESES REVOLTAM-SE CONTRA O FASCISMO. — Na fase mais difícil dos rebeldes franquistas, mandou Salazar mobilizar alguns navios de guerra para irem auxiliar Franco. Mas, a marinhagem decidiu revoltar-se e alguns traidores descobriram tal intento. Resultou disso o afundamento dos navios no Tejo pela artilharia da costa e seus marinheiros foram metralhados na água quando nadavam procurando salvar-se. Os que conseguiram sobreviver à matança foram enviados para o campo de morte do Tarrafal, criado por decreto-lei n.º 26.539.

Nessa data, foram ampliados os cárceres, pois o número de presos não tinha conta. Prendia-se por falar a propósito do avanço ou recuo dos revoltosos ou governamentais. Prendia-se por ler jornais à porta das oficinas em *grupos de mais de dois*. Prendia-se por ouvir a Ch,

conhecida *emissora fantasma* (que noticiava os acontecimentos da revolução de Espanha precisamente à mesma hora e onda da Emissora Nacional Portuguesa abafando esta).

Apesar de toda a repressão da Gestapo salazarista, treinada na Alemanha, o movimento operário crescia, pois a *Batalha*, jornal anarco-sindicalista, voltou a aparecer, assim como milhares de manifestos e funcionou ativa a Comissão de Solidariedade para auxiliar a insurreição operária. Os sicários de Salazar estabeleceram o terror praticando infernais torturas, inclusive o lançamento de gases lacrimogênicos e de óxido de carbono. Matavam-se em plena rua os que se tornavam suspeitos ao passarem por aquela rua onde morava Salazar. A Censura tornou-se rigorosíssima a ponto de alguns jornais, como o *República*, se recusarem a publicar notícias sobre Espanha por não poderem dizer a verdade. Aos presos era vedada a leitura de jornais de qualquer espécie. O povo português foi, como se vê, vítima das maiores atrocidades cometidas pela P. I. D. E. e pela *Legião Portuguesa*, criação de Rolão Preto e cópia dos camisas-negras italianos.

A crise de trabalho aumentou com a paralização das obras públicas e, de braços cruzados, o povo faminto via partir para Espanha centenas de caminhões carregados de gêneros alimentícios. Hoje, Salazar provoca nova crise paralizzando as obras do Estado, como as das centrais elétricas, para comprar armamento de acórdo com o *Pacto do Atlântico*.

O DINHEIRO DO TRABALHADOR

Chamamos a atenção dos trabalhadores para o seguinte documento oficial. É o memorial que ao ministro do Trabalho foi entregue por uma comissão permanente do primeiro Congresso Brasileiro de Previdência Social. Esse memorial refere-se ao orçamento apenas do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (I.A.P.I.). Na proposta orçamentária desse Instituto, diz a comissão que se consignam, para os gastos de administração, cerca de um bilhão de cruzeiros, ou seja, um milhão de contos. Mais claramente: com pessoal (ordenados, abonos, gratificações, etc.) 835 milhões de cruzeiros; material de expediente: 125 milhões de cruzeiros. Acrescem, porém, 140 milhões para transporte, ajudas de custo, diárias, aumento bial, etc.

Frise bem o memorial que só a administração do I.A.P.I. "gastará importância igual a todo o orçamento do Ministério do Trabalho e excede, em um quarto, a despesa que o Exército tem com o seu pessoal variável".

A comissão acentua que se sente, nessa autarquia, um frêmito de esbanjar dinheiro pois propõe, só para uniformes e vestuário de funcionários seus, 5 milhões de cruzeiros ou cinco mil contos.

Assinala que o serviço ambulatório para atender aos associados do Distrito Federal, São Paulo e Petrópolis disporá de 2.079 funcionários.

Pois bem, esse instituto não acha suficiente o número de seus funcionários e pretende, diz a comissão, elevá-los a 21.000.

Com limpeza (sabão, cera, vassouras, papel higiênico, etc.) vão ser gastos 8.412 contos. Para combustíveis e lubrificantes 2.700 contos. Para pacotes e embalagens, lá se vão 1.048 contos

E assim por diante.

Mais uma vez perguntamos: "Para quem foram criadas as autarquias? para os trabalhadores ou para os funcionários, a máquina parasitária."

A Comissão não conclui como nós concluiríamos, isto é, pela extinção de mais esses ninhos de sanguessugas, sugadores do sangue dos trabalhadores, pois vivem otimamente à custa do trabalhador que vive mal e até pessimamente.

No entanto, gratos somos à comissão que acusa os dirigentes do I.A.P.I. de esbanjadores.

Mas, em todas as outras, dá-se o mesmo. Toda a burocracia sempre foi isso e será sempre isso.

Na Rússia dos Sovietes, Lênin chamou um dia Trótski e mostrou-se alarmado com o assombroso crescimento da burocracia. Tão ingênuo se mostrava, que propôs se nomeasse uma comissão para estudar o assunto, isto é, propunha um aumento da burocracia.

E, nessa burocracia parasitária, vai-se o dinheiro dos trabalhadores. Porque? Porque os trabalhadores, aceitando a carteira sindical dos tempos de Lindolpho Collor, se entregaram de pés e mãos à ditadura getulista, cooperaram pela inércia à proclamação do fascismo no Brasil.

Estão pagando hoje, com seu dinheiro, o erro tremendo cometido. Não cairam no erro por falta de aviso. Nós, anarquistas, previmos tudo e cansamo-nos de prevenir a derrocada dos Sindicatos.

O único remédio é voltar atrás rasgando as carteiras, desconhecendo o Ministério e organizando sindicatos livres como os de outrora!

ELEIÇÕES SINDICAIS

AÇÃO DIRETA sempre se bateu contra a infâmia, o dasaforo das intervenções legais do Ministro do Trabalho na vida sindical, especialmente nas eleições de diretorias. Essas diretorias, graças às intervenções legais, acabam sendo meros órgãos nomeados, escolhidos de fato pelo Ministério, para com elas dominar, encabrestar, ciliar esse burro amansado de nome Sindicato.

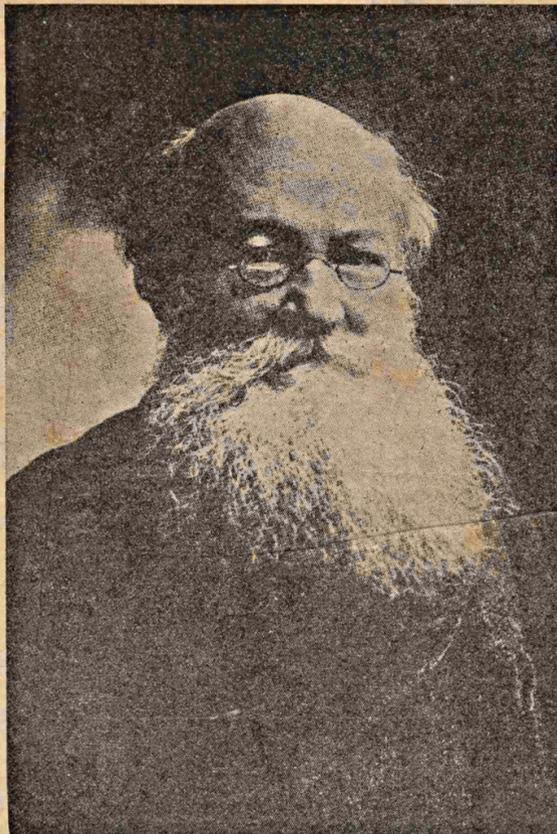
Agora, um deputado, o sr. João Vilasboas, abriu os olhos remelosos, leu os artigos da Consolidação das Leis do Trabalho e viu essa cousa estúpida e vai, apresenta um projeto de lei para modificar esses dispositivos, justificando o projeto, declara o sr. Vilasboas que "a liberdade sindical garantida pela Constituição vem sendo frontalmente violada pela Consolidação, pois esta autoriza o Ministro do Trabalho a intervir nos sindicatos seja para julgar recursos interpostos das eleições de suas diretorias, seja para afastar os legitimamente eleitos, substituindo-os por pessoas de sua escolha".

Mas, ingênuo deputado, foram os próprios trabalhistas, súditos fiéis de Getúlio Vargas, os que impuseram essas leis aos Sindicatos! Como demovê-los de manterem o cabresto?

O cabresto ficará até que... os trabalhadores o arranquem com suas próprias mãos.

COMPRE
HOJE
MESMO
A CONQUISTA
DO PÃO

PREÇO Cr\$ 35,00



Pedro Kropotkin

O DIREITO DE MATAR

(Continuação da 1.ª página)

fensor desse absurdo, apresentando como argumento irresponsível (a seu ver...) uma passagem da Bíblia: — "Quem com ferro mata, com ferro será morto".

É com todos esses antecedentes que outro sacerdote católico, o padre Emanuel Barbosa, assistente geral da Confederação Católica Arquidiocesana, tem o desprante de vir a público com a seguinte declaração, a respeito do monstro de Francisco Sá: "Em hipótese alguma a pessoa humana poderá sacrificar a vida de um seu se-

melhante e este é o princípio da lei natural e da moral católica. Daí decorre que, seja qual for o defeito físico que o indivíduo apresente, não podemos nós cortar-lhe o fio da existência, mesmo na certeza de que não venha a sobreviver. Se em qualquer tempo vier a perder a vida, que isso não aconteça por intervenção de outrem, pois só Deus é senhor da vida que só ele pode dar."

Quanto cinismo! Ou então, quanta estupidez!

A. A. VIEIRA

TRAÍÇÃO DE FRANCO

Amor e Liberdade Individual

Carta de Bakúnin a seu irmão Paulo

A Espanha totalitária, hitlerista e fascista a um tempo, vaticanista logicamente, firmou pacto militar com a Norteamérica democrática.

Nunca se viu melhor exemplo do despudor característico do Estado capitalista. Este é sempre o mesmo bandido sem escrúpulos com muitas máscaras, todas hipócritas: a de Hitler, a de Eisenhower, a de Malenkov, a de Churchill, a do papa, a de Franco, a de Getúlio.

Não é pois de admirar vermos Eisenhower sentar-se à mesa de Franco, apertarem-se as mãos, abraçarem-se, até beijarem-se como ótimos amigos e velhos compadres.

De onde se conclui que os protestos, as indignações dos democratas onuístas e unesquistas era tudo conversa mole, para coonestar uma infâmia já prevista e aceita. A propósito, Tierra y Libertad de 1º de outubro diz em artigo de fundo:

"O convênio fez que Espanha se enquadre praticamente na engrenagem militar e diplomática dos Estados Unidos. O ditador espanhol que, em ato público, insultou Truman dizendo horrores da democracia norteamericana, curva agora a espinha dorsal ante o poderio gringo como vulgar laçalo.

"Por obra e graça dos pactos firmados em Madrid, é a Espanha a primeira nação que outorga aos Estados Unidos ilimitados direitos de utilizar armas atômicas e de hidrogênio em bases continentais. Isso quer dizer que, se estalar a guerra, os aviões de qualquer nação contrária bombardearão a península o mais barbaramente possível. A Espanha será arrasada sem piedade. A glória dessa catástrofe recairá nesse mequetrefe sem honra nem pudor que é Francisco Franco".

E acrescenta o editorial: "Não nos surpreendeu tudo isso. Sabíamos de antemão aonde podem chegar os mandatários de não importa que país em matéria de contubernios e alianças asquerosas. E mais,

cremos que ainda não findaram as trapagens dos representantes desses estados democratas e totalitários. Todos são iguais e todos estão dispostos a rebaixar o limite da decência para consolidar sua hegemonia de mando. Muito breve estaremos vendo Franco sentado numa cadeira da Onu consumando-se a infâmia definitiva. O sátrapa espanhol deveria ter ocupado um banco ante o tribunal de Nuremberg. Do banco dos réus pulou para a poltrona veludosa dos diplomatas. Os estalinistas sabem a importância e alcance desse salto súbito. Também não o ignoram os democratas de vergonha. E o povo espanhol, a única vítima, não o esquecerá".

O mesmo editorial melhor nos informa de um fato a que a imprensa burguesa do Brasil, a única existente, nem se referiu: a concordata assinada aos 27 de agosto deste ano, dentro do Vaticano, por Mons. Domênico Tardini, representante do papa Pio XII e Alberto Martín Artajo, ministro da Espanha.

"A concordata, diz o editorial, retrotraí a Espanha à época de Filipe II, o rei cretino, atacado de furor místico religioso, raiano do crime".

Consta ela de 35 artigos e nela se consignam à Igreja Católica favores de estarrecer a consciência moderna. É de fato um regresso à pocilga medieval, aos ominosos tempos da dominação papal com todo o seu cortejo de abominações mais soesas.

Por amostra, trasladaremos alguns artigos citados por Tierra y Libertad: Artigos 14 e 15: "Os padres e religiosos, novíços ou professos, estão isentos do serviço militar".

Artigo 18: "A Igreja pode livremente cobrar dos fiéis as prestações autorizadas por direito canônico".

Significa isso um Estado dentro do Estado, pois se reconhece o direito canônico ao lado do direito civil e a capacidade de cobrar impostos, função privativa do Estado. Temos assim o Estado do Vaticano vivo e poderoso dentro de um país estrangeiro. Essas

regalias teve a Igreja no passado, em todos os países católicos, mas a Igreja não era Estado, era pura sociedade civil ou religiosa.

Artigo 22: "A força pública não poderá entrar em igreja, capelas, santuários, palácios e cúrias episcopais, seminários e casas reitorais e paróquias sem consentimento da autoridade eclesiástica".

Confirma-se a dominação do Estado do Vaticano dentro do Estado Espanhol.

Artigo 29: "O Estado cuidará de que nos programas de rádio e televisão se dê conveniente lugar à exposição e defesa da verdade religiosa por meio de sacerdotes e religiosos designados... Com respeito à publicação de periódicos, revistas, livros e até anúncios comerciais, o bispo terá, em sua diocese, autoridade ilimitada de veto, assim como nos espetáculos públicos, na rádio e na televisão".

O editorial comenta: "É a consagração definitiva da censura à liberdade de pensamento e expressão escrita, falada ou projetada. Simplesmente monstruoso! Voltam a implantar-se, com caráter enérgico e brutal, os chamados delitos contra o culto católico e seus ministros".

Tierra y Libertad resume assim a situação: "Espanha é um vasto seminário e os espanhóis, verdadeiros ilotas sujeitos ao poder divino de uma casta triunfante e ensobrecida".

A tróco de que se dão esses absurdos privilégios? A tróco de rezas, indulgências e de um futuro paraíso em que ninguém mais crê hoje, se tiver os miolos sãos.

Porém, a aliança dos dois poderes ajuda a manter o povo na ignorância e na sujeição. Entre os parasitas, nojentos todos eles, a padralhada com seus bispos e seu papa é a mais nojenta e podre. Até que o povo, já de olhos bastante abertos pelos herejes, se levante! E não está longe o dia!



Paris, 29 de março de 1843. Sou o mesmo de sempre, inimigo declarado do estado de cousas existentes; mas, com esta diferença: cheguei ao final da metafísica e da filosofia, subsistindo em mim aquilo a que me arrojai com toda a minha força de alma: o mundo prático, o mundo real.

Acredita-me, meu amigo, a vida é magnífica. Tenho agora o direito absoluto de o dizer. Deixei de considerar e encarar o mundo através de construções teóricas e de imaginação. Tenho sofrido muito; muitas vezes até ao desespero.

Estou enamorado, Paulo, apaixonadamente enamorado. Não sei se me é possível ser amado como o desejo ser; mas, disso não perco a esperança. Sei pelo menos que ela tem a meu respeito sentimento muito terno.

É-me preciso merecer o amor daquela que amo, amando-a com devoção, quer dizer, apaixonadamente. Ela é escrava da sujeição mais terrível e mais infame. Preciso libertá-la, combater seus opressores, acender em seu coração o sentimento da própria dignidade despertando nela a necessidade de amor, de liberdade e os instintos de rebelião e independência, dando-lhe a certeza de sua força e direitos.

Amar é desejar a liberdade, a completa independência da pessoa a quem amamos.

O primeiro ato de amor verdadeiro é a emancipação daquele ou daquela que amamos. Não se pode amar verdadeiramente, senão estando de todo livre, independente, não somente dos outros, mas principalmente daquele ou daquela que amamos e que nos ama.

No momento é esta a minha profissão de fé política, social e religiosa. O meu sentimento mais profundo não diz respeito somente a minhas atividades políticas e sociais dirige-se também a minha existência particular e individual. O tempo em que esses dois gêneros de ação podiam ser separados está muito longe. Ou o homem quer a liberdade com toda a extensão com todas as consequências da aplicação dessa palavra, ou não a quer absolutamente. Desejar em amor a dependência da pessoa amada é amar um objeto e ser desumano, pois nada distingue mais um ser humano de um objeto, do que a liberdade. Se o amor exigir a dependência, isto será a coisa mais perigosa e mais infame do mundo porque será fonte perpétua de escravidão e embrutecimento da humanidade.

Tudo o que liberta os homens, tudo o que os faz voltar a sua natureza, tudo o que desperta neles o princípio primordial da verdadeira independência, tudo o que lhes dá a força de serem eles mesmos, representa a verdade. Tudo o mais é absurdamente falso, aniquila a liberdade. O uso da força dos homens só tem uma aplicação legítima e benfazeja; emancipar os próprios homens.

Debaixo de todos os dogmas religiosos e filosóficos, não há mais nada senão mentiras. A verdade não é uma teoria mas um fato, é a própria vida. É a comunidade dos humanos livres e independente. É a sagrada comunidade do amor que cintila nas profundezas misteriosas e infinitas da liberdade individual.

Traduzido de L'Unique, ns. 73-74.

VOZ DO POVO...

Diz o rifão que a voz do povo é a voz de Deus. Esse Deus quer dizer experiência tradicional argamassada pelos fatos em maior ou menor prazo.

Ora, o povo, querendo dizer que Pedro ou Antônio é mañoso, espertalhão, enganador, trapaceiro, diz assim: "Aquele Pedro é muito político!"

Pois, apesar de reconhecer que político é sinônimo de espertalhão, ainda confia seu destino aos políticos!!!

TRÊS ENGANOS SOCIAIS

Está à venda o interessante livro do companheiro P. Ferreira da Silva, que versa três engodos estatais.

PEDIDOS A JOSE OITICICA

— CAIXA POSTAL 4588 — D.

FEDERAL — PREÇO Cr\$ 30,00

Ciência Comunista Dirigida

As Edições do Estado de Moscou anunciaram a publicação da quarta edição do Pequeno dicionário filosófico da U. R. S. S. que já alcançara, com a terceira edição (1951) uma tiragem de 1.200.000 exemplares. Trata-se de uma obra destinada à formação da cultura de toda a Inteligência das novas gerações russas. Todos os anos, com efeito, novas tiragens serão absorvidas pela juventude universitária soviética, destinada a renovar os quadros do partido e do Estado. Trata-se, portanto, — como notou a revista Proves que do "Dicionário" publicou alguns extratos, reunidos depois em opúsculos, com o título: Treize articles du Petit Dictionnaire Philosophique de l'URSS — de uma pedra de toque, ótima para provar-se a validade de toda a atual cultura soviética.

O que, antes de tudo, surpreende nas páginas do "Dicionário" é o posto reservado, segundo uma escala proporcional rigorosamente estabelecida, aos filósofos e às diversas doutrinas que constituíram a bagagem filosófica do gênero humano. Nessa minuciosa dosagem, nada se deixou ao acaso. Pode, assim, a juventude soviética aprender, sem o mínimo risco de erro, que o maior filósofo de todos os tempos e de todos os países foi José Stálin. É possível que, após o içamento de Malenkov ao poder, tenham os compiladores da nova edição do Dicionário de dar alguns retoques às vozes referentes a Stálin, cumprindo sua função de fiéis exe-

cutores das ordens emanadas da nova direção político-cultural.

A Pravda, sob orientação de Plekanov, já tomou, de fato, posição contra "todo exagerado culto da personalidade". De qualquer modo, na edição de 1951, dedicava o "Dicionário" a Stálin 15 colunas, a fio, de texto sem contar as numerosas páginas em que são, na íntegra, citados trechos de seus escritos e artigos.

Tais citações são feitas do modo mais imprevisível, a propósito de termos como: arte, crítica, cultura, democracia, dialética, dogmatismo, igualdade, estética, idéia, inteligência lógica, moral, natureza, paralelismo, patriotismo, pensamento, psicologia, qualidade, racismo, religião, cepticismo, ciência, verdade concreta... além, naturalmente das citas obrigatórias, nas vozes: emulação socialista, marxismo-leninismo, materialismo histórico, etc. (o nome de Stálin figura, por exemplo, 12 vezes no artigo sobre linguagem).

Lénin vem após Stálin, mas de longe, apenas com 10 colunas. Marx e Engels têm direito a 6 colunas e meia cada qual e Hegel com 5 magras colunas. Importa notar, porém, que Aristóteles merece apenas 3 colunas e Platão 2; Sócrates, uma só. Entre os modernos pensadores Spinoza é tratado em 3 colunas, Descartes em duas o meia, Leibnitz e Nietzsche em 2. Mais gritante ainda é o contraste observando-se que Montaigne e Pascal, por exemplo, passam em completo silêncio. Em compensação, os jovens intelectuais soviéticos podem aprender

no "Dicionário filosófico" quem foi Jean-Baptiste-René Robinet (2 colunas), embora não se consigne que este furtou escrito a Voltaire (que lhe chamou falsário) e que, à hora da morte, renegou totalmente seu materialismo.

Heráclito, Demócrito e Lucrécio (2 colunas), como Epicuro (uma coluna e meia) devem sua presença nas páginas do "Dicionário" ao fato de os haver Lénin mencionado em termos elogiosos ou deferentes. Não tendo Pitágoras nem Zenão de Eláia tido a honra de uma citação da parte de Lénin, não existem, para o "Dicionário" na filosofia antiga.

Igual sorte coube a Sêneca, Epicteto, Marco-Aurélio e Filon de Alexandria (a este último provavelmente deixaram os redatores do "Dicionário" no ostracismo por "cosmopolitismo" póstumo). Dos escolásticos e doutores da Idade Média (Abelardo, Tomás de Aquino, Duns Scott, Rogério Bacon...) o "Dicionário filosófico" dá seca enumeração ao artigo Filosofia medieval. De qualquer modo se desvincilha o "Dicionário filosófico" muito expeditamente dos filósofos da Índia e da China no artigo "Filosofia do antigo Oriente" no qual penou muito o redator para achar algum precursor materialista de Mao-Tse-Tung. Parece, todavia, que não acharam antepassados espirituais de Gandhi, o qual nem sequer se menciona.

Em verdade, nem a filosofia russa é melhor apresentada no "Dicionário". Não figura nele Vladimir Soloviev, como em vão se procurará nele

um Leontiev, um Rozanov, um Loski, um Bulgakov, um Chestov, um Berdaiev. Em compensação, temos o gosto de aprender que Basílio Williams "eminente agrônomo soviético" elaborou um sistema de cultura arbórea que "permite, veramente, à bolchevique (sic), aplicar todos os melhores resultados do stakhanovismo à agricultura". (Ou então ensina-se a apreciar como filósofo um certo Alexandre Stolietov "físico e eletrotécnico" e outro Vladimir Safov "crítico musical"...)

Demais, inclui o "Dicionário" em suas rubricas filosóficas, para maior prestígio da U. R. S. S., até a jardinagem.

Mas, se muitos filósofos como Montaigne e Pascal, tiveram de ceder lugar a eletrotécnicos, também Tolstói e Dostoievski foram excluídos oficialmente. Isso não espanta os que tiveram ensejo de folhear o manual de "Literatura russa", editado pelo Ministério de Instrução Pública (Moscou, 1950) onde Dostoievski, que Stálin não pôde cancelar do número dos vivos, está cancelado agora do número dos mortos. Ao invés, ler-se-ão, não sem curiosidade, as longas biografias de Gandjevi Nizani "poeta e pensador genial do Azerbaidjan" e de alguns outros Carnéades similares.

Quanto aos filósofos italianos, não tiveram a honra de qualquer menção no "Dicionário"; nem Machiavel, nem Pico della Mirandola, nem Ficino, nem Gioberti, nem Gentile, nem Croce. Não foram mencionados nem sequer os positivistas (como Lombroso, Ferri, o

marxista Labriola) que poderiam ter carreado água para o moinho soviético. Mas, dificilmente seria dar um relato analítico de todas as omissões do dicionário e tentar compreender os secretos motivos políticos que inspiraram os árbitros das inclusões e omissões. Limitar-nos-emos a trasladar, em tradução integral, as duas vezes do "Dicionário" referentes a Vico (o autor preferido este ano por Palmiro Togliatti, nos seus ócios estivais nas montanhas valdostanas; e Bergson. Será de certo edificante leitura para os discípulos de Banfi e Cantimori e para todos os turiferários da filosofia soviética na Itália.

V. L.

Nota de AÇÃO DIRETA. Esse artigo foi traduzido do boletim n.º 15 (outubro 1953) de Libertá della cultura italiana. Ao artigo seguem-se as traduções dos referidos verbetes. Não podemos, neste número, por falta de espaço, publicá-los em português. No próximo número, daremos o relativo a Bergson, profundamente instrutivo do que é a ciência dirigida, na Rússia ou fora da Rússia, na Europa ocidental, por exemplo, quando nas mãos da Igreja e dos reis católicos. Exatamente a mesma cousa. Ninguém ignora ou esqueceu as fogueiras de Hitler.

Se as autoridades soviéticas se valem de tais meios para formar novas turmas e reservas do partido comunista, é que lá dentro já ninguém suporta o regime de mentira e opressão desses 36 anos nefastos.

Movimento Sindical

Movimento de Orientação Sindical

UM PROMISSOR MOVIMENTO OPERÁRIO SINDICAL CONTRA OS POLÍTICOS E PELEGOS

Só agora pode AÇÃO DIRETA publicar na íntegra o manifesto dirigido por esse Movimento aos Trabalhadores. É um documento palpitante de confiança e verdadeiramente orientador do proletariado já farto de líderes, trabalhistas, comunistas, toda a cáfila política dos seus exploradores mais nefastos.

O Movimento de Orientação Sindical (M. O. S.), que ora se manifesta de modo organizado e amplo, é o resultado necessário da luta que vem travando o proletariado, na situação peculiar do Brasil. Esta se caracteriza, de um lado, por uma industrialização de conjuntura, que, desde logo colocou em nosso país os problemas da produção em massa, resultando no aniquilamento da qualificação técnico-profissional, contribuindo para a formação de uma massa amorfa de operários braçais e auxiliares, e de outro lado, a afluência do campo de grandes massas e sua integração súbita nas metrópolis que crescem exageradamente, circunstância que faz deste proletariado recém-nascido a matéria-prima adequada à demagogia e base da ditadura como a que por tanto tempo nos oprimiu. É a incapacidade do regime de manter o precário nível de vida dessas massas, continuamente rebaixado pela inflação galopante, que rasga o véu de ilusões e dá lugar às primeiras manifestações de consciência de classe, das quais as últimas greves foram magníficos exemplos.

Desde muito, alguns militantes operários, conscientes e independentes, vêm batalhando em prol da autonomia do movimento sindical brasileiro em face dos organismos governamentais e político-partidários, que têm disputado o seu controle. Este empreendimento tomou considerável impulso nestes últimos 3 anos. Respondendo à necessidade de melhorar as condições de trabalho e diminuir o desequilíbrio entre o salário e o custo de vida, os militantes mais esclarecidos e mais denodados da classe operária de S. Paulo encetaram movimentos esporádicos, que culminaram, em 1952, com a eleição, pela primeira vez desde 1937, de diretorias de sindicatos

que representavam realmente as categorias profissionais neles reunidas. Daqueles movimentos resultou a restituição de vários sindicatos aos trabalhadores com o afastamento de pessoas que, ligadas direta ou indiretamente ao Ministério do Trabalho, vinham ocupando os cargos de direção das associações operárias. Contudo, não se verificou, como era desejável, a estruturação de um movimento amplo, destinado a levar a todos os setores da classe trabalhadora a consciência da necessidade da luta em prol da autonomia sindical, nem, tão pouco, foi alcançada aquela autonomia diante dos organismos político-partidários especializados no controle do movimento operário. As recentes greves eclodidas nesta Capital evidenciaram fartamente que ainda muito resta por fazer no sentido de continuar a interrompida e gloriosa tradição das lutas reivindicatórias da classe trabalhadora brasileira de antes de 1930. Constituíram elas, sem dúvida, uma expressiva manifestação de força e de solidariedade. Representaram, em relação às circunstâncias atuais, uma vitória real das reivindicações operárias, vitória essa conseguida mesmo com a existência de quadros dirigentes que nem sempre estiveram à altura de tão amplo e complexo movimento de massa. Essa situação é fruto da evolução experimentada pelo movimento operário no Brasil.

Esboçando-se nos primórdios da República, o movimento operário brasileiro começou a ganhar corpo e a caracterizar-se como processo de resistência e luta no início deste século. Em 1906, reuniu-se no Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso Operário Brasileiro, com a participação de delegações de todo o país. Dêle resultou a fundação da Confederação Operária Brasileira, que em breve aumentou seus filiados por todo o território brasileiro. A partir desse memorável certame, no qual se traçaram novos rumos, as associações operárias surgiram por toda parte, despertando os assalariados para sua legítima luta reivindicatória. Foi nestes primeiros anos de existência real e efetiva que o movimento operário organizado conseguiu estabelecer, atra-

vés de movimentos diretos e autônomos, a jornada de 8 horas de trabalho e as primeiras regulamentações para o trabalho de mulheres e menores. Foi também nesse período que deflagraram as memoráveis greves, jamais iguais, de 1917 e 1919, as quais, iniciadas em S. Paulo e propagadas por todo o Brasil, mostraram às camadas dominantes que a classe trabalhadora já criara corpo e consciência de sua força e objetivos. Apesar da contínua e violenta ação policial, que fechava e deprimia as sedes sindicais, prendia e deportava os militantes mais combativos, o movimento operário se expandiu, imbuído de um alto espírito de independência, de livre exame dos seus problemas e livre constituição de seus órgãos de trabalho. E esse movimento associativo não limitou sua atividade à conquista de melhores condições de vida no regime do salarizado. Cuidou séria e sistematicamente da elevação intelectual e fortalecimento moral do operariado, certo de que este não se emancipará sem que cada um dos seus membros se torne consciente de seus interesses e liberdades, como ser individual e social, que conserve suas organizações imunes de interferências estranhas e conduzam sua luta por seus legítimos e acertados caminhos. Verificou-se assim, intensa atividade cultural através da publicação de jornais, revistas e folhetos, de conferências, cursos e representações teatrais.

Foi em consequência dessa ação direta e constante que surgiram as primeiras medidas legislativas tendentes a atenuar as duríssimas condições de trabalho então vigentes. Sob a pres-

LEIA E
DIVULGUE
AÇÃO DIRETA

ção dos movimentos operários que agitaram aqueles anos, conseguiram-se, entre outras, as leis referentes a acidentes no trabalho, aposentadoria para os ferroviários, férias, horário de serviço e trabalho de mulheres e menores.

Em 1930, iniciou-se a fase que se prolonga até hoje, caracterizada pelo abastardamento e domesticação governamental do movimento operário, pela oficialização e centralização estatal dos sindicatos e pela eliminação sistemática dos elementos sindicais mais conscientes e ativos. Privada de seus órgãos associativos, a classe operária, pela oficialização do Estado, que demagógicamente a corteja, perdeu parte daqueles benefícios que antes já conseguira através de sua ação independente e direta. E paulatinamente, não mais discutindo nas assembleias sindicais os seus problemas e a melhor maneira de obter suas reivindicações, os operários viram-se cada vez mais incapazes de pensar e agir com independência na situação presente. De outro lado, o amortecimento do espírito de militância e a redução das associações a alguns órgãos (burocráticos) determinaram, progressivamente, a queda do nível cultural do movimento, que se manifesta em todo o atual sistema sindical. As Federações e Confederações já não são, em nossos dias, os organismos vivos e eficientes de outrora, quando, formadas por livre resolução das partes, impulsionavam o movimento com o dinamismo e uma ação alertada pelos interesses da classe operária. Estão reduzidas a simples aparelhos de drenagem do Fundo Sindical, em cujas verbas se cevavam alguns dos seus beneficiários.

Outro importante fator que contribuiu para a degenerescência do movimento sindical, surgida já antes de 1930, foram as lutas fracionárias, de objetivos políticos partidários, que vêm solapando a unidade voluntária e efetiva do movimento. Desde muito, elementos de seitas políticas procuram, a todo o preço, impor sua tutela ao movimento operário, levando a luta pela posse de cargos aos diversos organismos de classe. Aproveitan-

do-se das reivindicações dos trabalhadores, tentam torná-los "massas de manobras", para atingir fins partidários.

Com a queda do "estadonovismo", começou a esboçar-se uma reação salutar contra esse estado de coisas. Todavia, apesar de suas preciosas vitórias, o movimento regenerador ainda se encontra em fase embrionária.

Com o fim de contribuir, na medida de suas forças, para a recuperação das tradições operárias brasileiras, militantes de várias categorias profissionais resolveram reunir-se e formar o Movimento de Orientação Sindical. Funda-se ele no princípio de que a emancipação da classe trabalhadora será o resultado de um movimento orientado pelo livre exame dos problemas, livre associação de indivíduos e livre desenvolvimento da pessoa intelectual e moral dos trabalhadores. E se propõe como sua grande tarefa o esclarecimento da classe operária com relação aos seus direitos, objetivos e meios de alcançá-los, levando-a a retomar suas associações das mãos dos delegados do Ministério do Trabalho e dos agentes dos partidos políticos.

Ao iniciar suas atividades, dirige o MOVIMENTO DE ORIENTAÇÃO SINDICAL a sua mais fraternal saudação a todos os assalariados de São Paulo, imbuídos pelos mais legítimos anseios de melhorias profissionais, econômicas e morais, conclamando-os a cerrar fileiras, em torno dos princípios e objetivos da classe.

Trabalhadores uni-vos — não em torno de caudilhos e líderes prefabricados pela política ministerial ou partidária.

Trabalhadores, uni-vos! Uni-vos por vossa própria consciência livre e militância constante em vossa associação de classe para torná-la livre e autônoma.

São Paulo, julho de 1953.

A Anarquia não é religião; não parte de nenhuma revelação; não conhece dogmática; repudia o apriorismo; não admite sem prova.

SEBASTIEN FAURE

FRONTEIRAS

Por

JOSÉ OITICICA

Afirma esse telegrama que a venda de ouro tem sido normal, mas esta agora atinge cem milhões de dólares e, em vez de se fazer no âmbito extra-oficial, se faz em mercados oficiais.

Conclui o telegrama: "Além de vender ouro, têm os russos oferecido ao mundo livre grandes quantidades de manganês e cromo, dois materiais de guerra cujo abastecimento ao ocidente eles haviam cortado, e de produtos de petróleo. Os Estados Unidos, ao que se sabe, não estão comprando esses produtos. Recordar-se que, durante a guerra, os Estados Unidos compraram ouro à Rússia no valor de 60 milhões de dólares, para que os soviéticos tivessem dinheiro efetivo".

Como se vê, os comunistas russos procedem como os mais refalsados capitalistas anglo-saxônicos. Oferecem às potências democráticas material exclusivamente estratégico para com ele se fabricarem armas que irão assassinar o próprio povo russo.

Por cima das cortinas, mentira, por baixo das cortinas, esses infames donos do mundo, realizam seus ignóbeis lucros cujo penhor trágico é a vida de centenas de milhões de pessoas esfalfadas no trabalho para manterem tão requintados e repulsivos ladrões.

Capitalistas de um lado, comunistas do outro, equivalem-se na hediondez da sua moral de traficantes.

O sr. João Alberto, oficial do exército que no exército não trabalha, defende a *caríssima* pátria muito amada, como embaixador, encarregado de negócios, agente comercial e muitas cousas mais ou *más*, com polpudo salário (a pátria é *caríssima*) e boa vidaça.

De volta, alardeada, nos jornais, uma descoberta sua, *sensacional!!!*

Qual será? Esta que transcrevemos *ipsis literis* da sua entrevista:

"Não existem fronteiras comerciais!"

Formidável! Genial! O sr. João Alberto descobriu agora o que nós, anarquistas, ensinamos há um século! Só a *política* tem fronteiras; mas, tem essas fronteiras precisamente para, por cima delas, fazerem os traficantes seu vil comércio. Ai estão os livros de Chirac, De-laissy, Adolpho Coelho e tantos outros a denunciarem aquilo a que chamaram *A Internacional do dinheiro*.

Comunistas de um lado e *democratas* do outro preparam-se para a terceira guerra mundial, odeiam-se, xingam-se, entrematam-se onde podem (não os *chefes*, os *soldados*, diga-se, *trabalhadores*), mas, por cima das cortinas (de ferro ou de celofane) comerciavam descaradamente.

E o sr. João Alberto propõe o que já se propôs na Câmara: reatamento das relações comerciais com os países comunistas. E porque não?

Sempre foi assim! Seja como for, o sr. João Alberto descobriu a China... e nos dá razão: a essência da política internacional é o *comércio*, isto é, o lucro do patrão à custa do proletariado submetido à casta dos politiqueros ladrões.

★

Tinhamos nós escrito isso quando o *Diário de Notícias*, de 31 de dezembro passado, nos depara, em sua primeira página, longo telegrama de Londres, sob o seguinte cabeçalho: *AMPLIAÇÃO, EM 1954, DO COMÉRCIO INGLÊS COM OS PAÍSES DA CORTINA DE FERRO*.

Diz o telegrama: "A Federação das Indústrias Britânicas prepara uma declaração de Ano Novo em favor da ampliação do comércio britânico com os países da "cortina de ferro", enquanto o chanceler do Exchequer, R. A. Butler, partia para a Austrália a fim de assistir à conferência das nações de Commonwealth. O relatório da Federação dirá que "não há nada de errôneo nem de anti-patriótico

no intercâmbio comercial com a Rússia e os países de sua órbita de influência e aconselhará a "continuar vigorosamente o comércio entre o leste e o oeste".

Depois de apontar profundas e extensas dificuldades financeiras da Inglaterra, informa o seguinte: "O *Daily Mail*, em um editorial publicado hoje, sugere que os Estados Unidos deveriam também, como seus competidores europeus, considerar a China comunista como mercado para seus excedentes de produção. O editorial afirma que a Grã-Bretanha manterá sua promessa de não vender aos comunistas nenhum material incluído na lista dos *estratégicos* até que se haja firmado a paz na Coreia".

O que há de capcioso, amalandrado, patifíssimo em todos esses subterfúgios, para salvar guardar *tapeações* hipócritas, salta aos olhos. Entre as nações em guerra, *tudo é estratégico*, desde a alimentação até os telefones, do papel de imprensa ao couro, das fazendas às drogas farmacêuticas.

E os Ingêleses reconhecem que estão em guerra *até que se haja firmado a paz na Coreia*. Até lá, compromete-se a Inglaterra a não vender, *apenas*, material estratégico. Significa

isto que, firmada a paz na *Coreia*, até material estratégico poderá vender. Mas, a guerra entre as "democracias" e a Rússia não se limita à Coreia; é mundial; é a do futuro e, a partir da paz na Coreia, até reventar a vindoura guerra, terão os comerciantes ingleses realizado astronômicos negócios com seus *inimigos potenciais*. Isso não passa de renovação do mesmo ignominioso processo do passado com a Alemanha kaiserista e com a Alemanha hitlerista.

A alegação às promessas de não vender material estratégico é *para inglês ver*, ou antes, para o *mundo ingênuo* ver. Esses negociatas, esses traficantes da alta finança negociam a própria alma infernal. Venderão, como sempre venderam, suas mais devastadoras armas, desde que lhas paguem à boca do cofre.

E agora, mais recente notícia: anuncia-se a chegada a Londres de grandes remessas de ouro provenientes da Rússia dos Soviéticos. Um telegrama de Washington do dia 31, revela que: "Na opinião dos peritos econômicos, a União Soviética está vendendo grandes quantidades de suas reservas de ouro para poder cobrir enorme *deficit* comercial que pretende manter oculto".